"I WISH YOU ALL THE BEST" EM TRADUÇÃO TRANSVIADA COMENTADA: COMPARAÇÕES ENTRE PROPOSTAS TRADUTÓRIAS PARA/COM A LINGUAGEM NÃO BINÁRIA

"I WISH YOU ALL THE BEST" IN COMMENTED QUEER TRANSLATION: COMPARING TRANSLATION PROPOSALS FOR/WITH NON-BINARY LANGUAGE

RESUMO

Nos últimos anos, a tradução de obras com a linguagem não binária, em especial da literatura *young adult* (YA), cresceu significativamente no Brasil, com projetos tradutórios que se aventuram cada vez mais em suas propostas. Posto que a língua dialoga com a construção do mundo e "a literatura traduzida é não só um canal principal através do qual um repertório bem aceito é importado, mas também uma fonte de remodelagem" da literatura (EVEN-ZOHAR, 2012, p. 6) e, consequentemente, da própria sociedade, apresentamos uma tradução transviada comentada de paratextos e de excertos do romance *I Wish You All the Best* (2020), de Mason Deaver, e propomos uma análise comparada com outras traduções da obra, em especial a brasileira (2024). A partir dos estudos da tradução (EVEN-ZOHAR, 2012; SELIGMANN-SILVA, 2022), da tradução comentada (ABES, 2023) e da tradução da linguagem não binária (FERREIRA, 2022; PINHEIRO, 2020, 2021a, 2021b), em diálogo com os estudos editoriais (GENETTE, 2009) e literários (BALBI, 2023; MAGALHÃES & SANTANA, 2020; MARINHO, 2021), lançamos luz sobre diferentes propostas tradutórias para/com a linguagem não binária. Com este artigo, acreditamos colaborar com a difusão da tradução transviada no Brasil e o estudo de propostas tradutórias para/com a linguagem não binária, resultando em ganhos tradutórios e em possíveis modelos ativos no repertório da literatura brasileira.

Palavras-chave: Ganho tradutório. Linguagem não binária. Tradução comentada. Tradução transviada.

ABSTRACT

Over the past few years, translation of works using non-binary language, especially in young adult literature (YA), increased meaningfully in Brazil, with translation projects venturing further into their proposals. We assume that language dialogues with the

Charlie Milo Bergo
Bacharel em Letras Tradução Português-Inglês pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, na linha de Criação literária, e licenciando em Português-Francês, também pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Membro do grupo de pesquisa Prisma. ORCID: https://orcid.org/0009-0004-9880-9234. E-mail: charliembergo@gmail.com.
Carolina Alves Magaldi
Doutora em Letras: Estudos Literários e Professora Adjunta da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Membro permanente do colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários na linha de Criação Literária, também da Universidade Federal de Juiz de Fora. Coordenadora do grupo de pesquisa Prisma. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1240-2026. E-mail: carolina.magaldi@ufjf.br.

ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 208-234

world's construction and that "translated literature is not only a main channel through which a well-accepted repertoire is imported, but also a source of remodeling" literature (EVEN-ZOHAR, 2012, p. 6), and therefore, society itself. On this basis, we present a commented queer translation of paratexts and excerpts from the novel *I Wish You All the Best* (2020) by Mason Deaver. We also propose a comparative analysis of other translations of the novel, especially the Brazilian one (2024). Based on translation studies (EVEN-ZOHAR, 2012; SELIGMANN-SILVA, 2022), commented translation (ABES, 2023), non-binary language translation (FERREIRA, 2022; PINHEIRO, 2020, 2021a, 2021b), in dialogue with editorial (GENETTE, 2009) and literary studies (BALBI, 2023; MAGALHÃES & SANTANA, 2020; MARINHO, 2021), we throw light on different translation proposals for/with non-binary language. In this paper, we aim to contribute to the diffusion of queer translation in Brazil and to the study of translation proposals for/with non-binary language, resulting in translation gains and in possible active models in the repertoire of Brazilian literature.

Keywords: Commented translation. Non-binary language. Queer translation. Translation gains.

Introdução

Se partirmos da concepção de que a literatura traduzida assume uma posição central no polissistema literário brasileiro, torna-se compreensível a crescente no número de obras no Brasil que fazem uso da linguagem não binária.

> Dizer que a literatura traduzida mantém uma posição central no polissistema literário é dizer que ela participa ativamente na modelagem do centro desse mesmo polissistema. Em tal situação, a literatura traduzida é, em geral, uma parte integral das forças inovadoras e está, portanto, propensa a ser identificada com eventos importantes na história literária no momento em que eles estão acontecendo. [...] Ademais, em situações em que emergem novos modelos literários, a tradução é propensa a se tornar um dos meios de elaboração do novo repertório (EVEN-ZOHAR, 2012, p. 4).

A emergência desse novo repertório é fruto de um movimento linguístico, social, político e ideológico realizado em escala mundial, por meio do qual a linguagem não binária vem avançando com força na literatura. Impulsionada por adaptações audiovisuais, percebe-se essa emergência no polissistema literário brasileiro especialmente na literatura *young adult* (YA) traduzida. Compreendendo uma vasta coleção de gêneros ficcionais, como o romance, a fantasia e a ficção científica, essas obras, voltadas para um público juvenil e jovem adulto, comumente dotadas de uma narrativa de formação, apresentam cada vez mais o protagonismo de personagens não bináries. Antigamente, a estratégia adotada por tradutories era de evitar a marcação de gênero quando havia a presença de tais personagens. Hoje, no entanto, com os avanços na discussão da

linguagem não binária, a incorporação desta se torna inevitável e necessária. Isso porque "toda língua é uma *língua em decomposição e em recomposição, em permanente transformação*" (BAGNO, 2007, p. 117, grifos do original).

> Tentar frear mudanças inevitáveis, principalmente quando elas se tratam de mudanças políticas pela visibilidade de identidades marginalizadas é, historicamente, o lado dos perdedores. Aos poucos, a linguagem neutra é cada vez mais utilizada em livros autopublicados e também em livros de editoras tradicionais. É uma mudança necessária, importante e urgente para abarcar identidades que sempre tiveram suas vozes e existências negadas (MAGALHÃES & SANTANA, 2020, p. 36).

Neste trabalho, diferentemente de Magalhães & Santana (2020), adotamos linguagem não binária, em vez de linguagem neutra, pois sendo fruto de um movimento linguístico, social, político e ideológico, consideramos que esta não tem nada de "neutra".

A partir das discussões vigentes é possível afirmar que existem duas correntes da linguagem não binária no português: a primeira, concebe a sua adoção para se referir a pessoas fora da binariedade, em uma espécie de "terceiro gênero" gramatical; e a segunda, para se referir a todas as pessoas, "independentemente de seus gêneros", ou seja, como uma marcação genérica, não binária, em contraposição ao masculino genérico (FERREIRA, 2022, p. 22).

Uma breve investigação da tradução para/com a linguagem não binária para o português brasileiro evidencia, dentre os diversos sistemas, a adoção mais frequente do "sistema elu" pelo mercado editorial (FERREIRA, 2022; MAGALHÃES & SANTANA, 2020; MARINHO, 2020). Fora a presença de personagens não bináries, no entanto, ainda impera o uso do masculino genérico, evidenciando também a aplicação majoritária da primeira corrente.

Até o presente momento, acredita-se que a obra *Gênero Queer: memória* (2023), de Maia Kobabe, seja o único exemplo de obra literária traduzida com a incorporação da linguagem não binária como marcação genérica no português brasileiro. Traduzida por Clara Reelstab, sob a revisão técnica de Be RGB, essa escolha de incorporar a linguagem não binária na história em quadrinho autobiográfica de Kobabe pode ser entendida pelo próprio histórico disruptivo da obra, considerada a mais banida nos Estados Unidos (ALTER, 2023). Isso porque, como explica Ferreira (2022, p. 40):

> A linguagem não binária, como forma de se referir a todas as pessoas e como forma de explicitar outras identidades de gênero no português brasileiro, não encontra como obstáculo somente a gramática interna da língua, mas também o preconceito de seus falantes [...].

Tendo isso em vista, as discussões de legitimação linguística levantadas por grupos minorizados e marginalizados quanto à inclusão e à igualdade de gênero na língua e as disputas sociais, ideológicas e políticas em jogo, o presente artigo se originou da proposta de tradução transviada comentada da linguagem não binária como marcação genérica no português, realizada em 2023, para a avaliação final de uma disciplina de Pós-Graduação em Estudos Literários.

A tradução comentada referia-se a paratextos e excertos de *I Wish You All the Best* (2020), de Mason Deaver, romance *young adult*, narrado em primeira pessoa por ume personagem não binárie, até então inédita no Brasil. Partindo do princípio de que a língua é construtora do mundo e de que tradutories são escritories das sombras (SELIGMANN-SILVA, 2022), o projeto se propunha a refletir sobre a adoção da linguagem não binária como marcação genérica por meio da tradução transviada.

À época, a tradução de *Gênero Queer: memória* (2023), de Maia Kobabe, ainda não havia sido publicada no Brasil, justificando-se a proposta a partir da lacuna no projeto tradutório de obras com o uso da linguagem não binária como marcação genérica. Posteriormente, o romance de Deaver foi publicado em Portugal (2023) e no Brasil (2024), com as traduções[1] de Célia Correia Loureiro e de Vic Vieira Ramires, respectivamente. Em ambas as traduções, no entanto, prevaleceu o uso do masculino genérico.

À época, também não havia estudos acadêmicos que se debruçassem sobre o romance. Ao final de 2023 e início de 2024, surgiram duas dissertações de mestrado: a primeira voltada para a análise da tradução polonesa do romance, intitulada "Non-Binary Representation and Translation Strategies in the Polish Translation of 'I Wish You All the Best'", de Trzyna Kinga (2023), e a segunda voltada para propostas tradutórias *queer* e neutra da obra em português de Portugal, intitulada "Para Além do Binário – Desafios de tradução suscitados pela obra I Wish You All the Best, de Mason Deaver", de Maria Angélica Raposo Carreiro (2023). Ao que parece, a dissertação de Carreiro (2023) já estava em vias de finalização quando a tradução portuguesa foi publicada. Todavia, ambas as dissertações não se encontram disponíveis em sua integralidade.

Deste modo, observando-se ainda uma lacuna na reflexão das diferentes abordagens de tradução para/com a linguagem não binária e nos estudos da obra, apresentamos neste artigo uma tradução transviada de paratextos e de excertos do romance *I Wish You All the Best* (2020), de Mason Deaver, e propomos uma análise comparada, de natureza qualitativa e quantitativa, com outras traduções da obra, em especial a brasileira (2024). Como recorte de análise, selecionamos os paratextos, responsáveis por fornecerem um primeiro contato com a linguagem não binária, e excertos dos três primeiros capítulos, responsáveis por introduzir e ambientar o romance.

Em comparação com a tradução transviada proposta (2023), no caso dos paratextos, utilizamos as traduções para o espanhol (2021) e para o português (2023; 2024), a título

1 Segundo Carreiro (2023, p. 5), até 2023 já havia traduções de *I Wish You All the Best* (2020) para o vietnamita (2020), espanhol (2021), holandês (2022), polonês (2022), italiano (2023) e alemão (2023), com previsão de uma tradução para o húngaro.

de verificar as estratégias editoriais adotadas em outra língua latina[2]; já no caso dos excertos do romance, utilizamos apenas a tradução brasileira (2024), fazendo deste modo o cotejamento entre uma proposta de tradução para/com a linguagem não binária como terceiro gênero gramatical e uma como marcação genérica.

Sob o aporte teórico dos estudos da tradução (EVEN-ZOHAR, 2012; SELIGMANN-SILVA, 2022), da tradução comentada (ABES, 2023) e da tradução da linguagem não binária (FERREIRA, 2022; PINHEIRO, 2020, 2021a, 2021b), em diálogo com os estudos editoriais (GENETTE, 2009) e literários (BALBI, 2023; MAGALHÃES & SANTANA, 2020; MARINHO, 2021), acreditamos colaborar com o estudo de propostas tradutórias para/com a linguagem não binária e a difusão da tradução transviada. Transviada, segundo Bento (2017), como tradução cultural de *queer*, como fuga do pensamento colonizado, como busca de inteligibilidade.

> "*Queer*" só tem sentido se assumido como lugar no mundo aquilo que serviria para me excluir. Portanto, se eu digo "*queer*" no contexto norte-americano, é inteligível, seja como ferramenta de luta política ou como agressão. Qual a disputa que se pode fazer com o nome "*queer*" no contexto brasileiro? Nenhuma (BENTO, 2017, p. 248).

Esperamos também, com este trabalho contribuir para a tradução para/com a linguagem não binária em português, especialmente como marcação genérica, e possibilitar sua incorporação no repertório literário brasileiro como modelo ativo, uma vez que "a literatura traduzida é não só um canal principal através do qual um repertório bem aceito é importado, mas também uma fonte de remodelagem" da literatura (EVEN-ZOHAR, 2012, p. 6) e, consequentemente, da própria sociedade.

Tradução transviada: ume biche de sete cabeças?

A linguagem não binária pode ser compreendida como uma variação linguística em processo de desenvolvimento, motivada por um movimento de cunho social, político e ideológico em escala mundial, "que reivindica a inclusão de termos que não expressem gêneros, ou que expressem gêneros diferentes de homem e mulher" (FERREIRA, 2022, p. 8).

Esse movimento tem como um dos pontos de partida as correntes feministas das décadas de 1960 e 1970, que recusam o uso sexista e universal do masculino como genérico na linguagem e propõem o uso explícito do feminino (FERREIRA, 2022, p. 22). Isso porque a concepção do masculino como genérico, isto é, como gênero "não marcado", como "padrão", nada mais é do que uma convenção influenciada pelas relações de poder. Como apontado por Bagno (2007, p. 71, grifos do original), "não é

2 A tradução para o italiano *Te auguro ogni bene* (2023), com tradução de Giorgia Demuro, foi desconsiderada na análise por não apresentar uma proposta de linguagem não binária, o que vale ser investigado futuramente.

mera coincidência etimológica o fato de *padrão* e *patrão* serem duas formas divergentes de uma mesma origem comum: o latim *patronu-*, que tem também a mesma raiz de *paternalismo* e *patriarcalismo*".

O masculino como genérico, segundo Marinho (2021, p. 10), enfatiza "uma visão dicotômica e hierárquica não apenas linguística, mas sobretudo social", que contribui para "a criação e manutenção de outros binarismos". A linguagem cria "condições de (in)visibilidade, reflexão e (r)existência" (MARINHO, 2021, p. 12), o que torna a reflexão sobre o seu uso fundamental.

Desenvolve-se, então, a concepção da linguagem inclusiva[3] (FERREIRA, 2022, p. 22), que busca promover a inclusão de todas as pessoas, evitando a marcação de gênero e o uso de palavras, termos e expressões que possam reforçar preconceitos ou discriminações.

A maior visibilidade nos últimos anos de pessoas não binárias, isto é, gênero dissidentes, que não se identificam dentro da binariedade de gênero proposta pela cis-heteronormatividade, seja parcial ou totalmente, também trouxe a necessidade de se pensar em uma linguagem que possa não marcar gênero de forma mais produtiva, especialmente em línguas generificadas, isto é, baseadas em gênero, como acontece, por exemplo, com o espanhol e o português.

Diferentemente da linguagem inclusiva, a linguagem não binária em português apresenta, então, duas propostas: a concepção da explicitação de uma espécie de "terceiro gênero" na língua para se referir a pessoas fora da binariedade; e a concepção de uma marcação genérica, não binária, na língua, em contraposição ao masculino, para se referir a todas as pessoas, "independentemente de seus gêneros" (FERREIRA, 2022, p. 22).

É importante frisar que a segunda concepção surge em uma tentativa de inclusão, e não de apagamento do feminino, como tem sido equivocadamente entendido. A proposta da linguagem não binária, como explica Marinho (2021, p. 24), é que o seu uso seja feito de forma consciente e política, "não como algo imposto ou forçado", e sim como uma escolha, de acordo com as demandas comunicativas de cada pessoa.

> A linguagem não-binária é um modo requintado de romper com a matriz de inteligibilidade hegemônica e naturalizada, em um movimento político, como sujeitos da linguagem, criando mecanismos de (r)existência em atmosfera genuína para todas as vidas, usando esta passabilidade linguística para a criação de uma nova gramática social de reconhecimento e novos modos de agir no mundo promovendo criatividade e respeito à diversidade. (MELO, 2020 *apud* MARINHO, 2021, p. 27)

3 Um exemplo de tradução para/com linguagem inclusiva é o romance *Todos, nenhum: simplesmente humano* (2017) de Jeff Garvin, traduzido por Guilherme Miranda, conforme o original, cuja proposta é não haver nenhuma marcação de gênero em relação ae personagem principal. Nos demais casos, no entanto, é adotado o masculino genérico.

Hoje existem diversos manuais descritivos (ALMEIDA, 2020; CASSIANO, 2023) com propostas de incorporação da linguagem não binária no português (MARINHO, 2021; FERREIRA, 2022). A adoção dessas propostas, no entanto, encontra uma série de empecilhos: a visibilidade recente da linguagem não binária, a diversidade de sistemas em constante criação e transformação, o preconceito linguístico e o desconhecimento do caráter transformativo da língua e de seus usos reais (FERREIRA, 2022). Tais empecilhos, todavia, não são impeditivos para a incorporação crescente da linguagem não binária no polissistema literário brasileiro, especialmente por meio da tradução.

Uma vasta gama de obras já utiliza a linguagem não binária em dedicatórias, biografias e agradecimentos, em alguns casos até mesmo na capa, além do próprio texto, o que representa um grande desafio tradutório. No entanto, do mesmo modo que já incorporou outras mudanças linguísticas, tais como a não obrigatoriedade da ênclise e "a mistura da segunda com a terceira pessoa do singular" (MARTINS, 2021), o mercado editorial vem criando cada vez mais propostas para a incorporação da linguagem não binária no português.

Primeiro, dentre as diversas propostas, adotou-se o "sistema elu" de linguagem não binária para personagens não bináries; depois, dada a dificuldade da construção de orações sem demarcação de gênero, ou dada a resistência à demarcação de gênero não binária, optou-se por uma mescla do masculino genérico com o não binário como terceiro gênero gramatical, caso de *Os Garotos do Cemitério* (2021) de Aiden Thomas. Isso porque, segundo o tradutor Arthur Ramos, existia o receio de se criar "uma resistência muito mais pesada entre leitores, o que prejudicaria o desempenho do livro" (RAMOS *apud* MARTINS, 2021).

A princípio, esse receio parece dialogar com o que se entende por texto fluente, aquele que faz uso de uma linguagem moderna e padrão, com vocabulário e gramática familiar à língua, e evita "o uso de jargões, arcaísmos, ou palavras e fraseios estrangeiros" (PINHEIRO, 2021b, p. 210). No entanto, ao nos aprofundarmos na complexidade da matriz social que regula o "conjunto complexo de pressões, expectativas e restrições sociais e institucionais" (LEWIS, 2017, p. 175-176 *apud* PINHEIRO, 2021a, p. 47), compreendemos que qualquer inadequação ou subversão ao "padrão" e "normativo" incorra em "algum tipo de reação negativa, principalmente por parte de setores mais conservadores da sociedade":

> Umx tradutorx que empregue uma linguagem inclusiva para visibilizar identidades trans ou não-binárias pode ter o seu trabalho bem recebido dentro da comunidade LGBTQAI+, porém, ser duramente criticado pelos demais setores da população. Sua tradução pode ser acusada de tentar promover a "ideologia de gênero", a editora pode recusar-se a publicá-la para evitar uma possível repercussão negativa, x tradutorx pode vir a perder o seu emprego ou trabalhos futuros etc. Umx tradutorx ciente desse cenário pode optar por se autocensurar, apagando ou minimizando conteúdos LGBTQAI+ para que suas traduções sejam bem recebidas pelo público leitor (PINHEIRO, 2021a, p. 47-48).

Ainda assim, na segunda obra de Thomas, *O desafio dos semideuses* (2023), a estratégia tradutória foi de incorporar a linguagem não binária como terceiro gênero gramatical, sem mesclá-la ao masculino genérico, o que pode indicar que tal receio se mostra infundado, ou fundado nos empecilhos já elencados. Isso demonstra a importância que a tradução, e acima de tudo a linguagem, desempenha no reforço de ideologias opressoras e na luta contra estas.

> A desconsideração e a invisibilização da existência não binária é só uma das expressões da transfobia estrutural e institucional, a mesma que impede o acesso de pessoas trans aos mais diversos empregos e aos direitos civis de uma vida digna, que as isola de relacionamentos e redes de apoio e as agride e mata. Sabemos que a linguagem é apenas um dos elementos de tantas mudanças sociais que precisam acontecer, mas não menos importante, pois é constitutiva de sua manifestação. É por isso que precisamos falar sobre linguagem não binária também em tradução (RGB, 2023).

Cabe-nos refletir, deste modo, sobre o papel de agentes da tradução na (re) produção de normas linguísticas opressoras e na visibilização da (re)existência de grupos minorizados e marginalizados, como a comunidade LGBTIA+ e as pessoas transgêneras, travestis e não binárias.

De acordo com Seligmann-Silva (2022, p. 61), a tradução é comumente vista como uma prática artística secundária em relação à escrita, ou seja, uma sombra desta, "uma imagem plana e sem detalhes, escura, do 'original'". Em "Um tradutor é um escritor da sombra? Variações sobre a ontologia da tradução" (2022), o teórico busca explorar essa derivação submissa da obra traduzida por meio da oposição entre original-luz e tradução-sombra:

> Precisamos primeiro de uma luz, fonte da claridade, e depois de um obstáculo para, finalmente, termos a sombra. Essa é ao mesmo tempo um decalque e uma marca, ou um índice (como diríamos com Peirce), ou seja, uma inscrição de presença e também, de modo quase paradoxal, uma marca de ausência, de uma falta. A tradução para ser encarada como uma sombra precisa ser entendida como o resultado último de um processo que se inicia com o original, que, por sua vez, seria compreendido, por assim dizer, como a sua luz originária (SELIGMANN-SILVA, 2022, p. 63).

O obstáculo que provoca o ensombrecimento entre original e tradução é a diferença entre as línguas e as culturas, mas não somente: agentes da tradução, ao mesmo tempo que tentam passar a luz, também se tornam um obstáculo para esta (SELIGMANN-SILVA, 2022, p. 64). Desta forma, caberia a quem traduz fazer-se o mais invisível possível em prol do original e de sua fluência.

Todavia, a transição da valorização de uma "transparência da tradução" para uma "tradução apesar da diferença" ao longo dos tempos, segundo Seligmann-Silva, fortalece a visão da tradução como simulação, e não representação, como pintura "*que se utiliza de sombras para dar a ilusão do colorido do original*" (2022, p. 65-66, grifos do original).

Em outras palavras, a noção fundamental de traduzibilidade, de que tudo é traduzível, cai por terra e a noção de intraduzibilidade, da impossibilidade da tradução, passa a ocupar uma função essencial, na qual tradutories abandonam a posição de transparência e assumem o papel de escritories das sombras, visibilizando suas marcas no texto (SELIGMANN-SILVA, 2022, p. 79-80). Isso porque o original-luz também passa a ser visto como tradução-sombra, como (re)criação em busca da renovação (SELIGMANN-SILVA, p. 81-82).

A linguagem não binária, por parte de quem traduz, pode se apresentar como esse aspecto de renovação na (re)criação, como ato de resistência por meio da visibilização. A sua adoção, no entanto, não implica abandonar a fluência do texto, mas "criar novas condições de legibilidade" (VENUTI, 2008, p. 19 *apud* PINHEIRO, 2021b, p. 210-211). Como reforçado por Balbi (2023, p. 26):

> O propósito não é produzir uma tradução ilegível, nem impedir completamente a fluência, apenas levar em consideração que "[...] assimetrias, injustiças, relações de dominação e dependência existem em cada ato de tradução, em cada ato de colocar o traduzido a serviço da cultura tradutora" (VENUTI, 2019, p. 16) e tomar uma decisão sobre resistir a essas práticas.

Deste modo, ao traduzir é fundamental levar em consideração as questões sociais, ideológicas e políticas em jogo, ainda mais em obras de grupos minorizados e marginalizados, como as de pessoas transgêneras, travestis e não binárias, cujas representatividades na literatura, atravessadas pelo viés cis-heteronormativo, podem facilmente acabar apagadas — por descuido ou (auto)censura — e serem alvo de opressões (PINHEIRO, 2021a). É preciso, para Balbi (2023, p. 26-27), "ter um compromisso com a obra escolhida, com ês autories e com as ideias das quais se parte. Traduzir um texto *queer* é redobrar essa atenção, pois a norma e o normativo estão contra a escrita, tradução e leitura daquela obra".

> [...] mesmo quando o conteúdo homoerótico de textos *queer* não é abertamente censurado, ele é frequentemente perdido na tradução devido a problemas como o favorecimento de elementos e fraseios heteronormativos em detrimento dos *queer* para melhorar a fluência ou uma simples falta de uma leitura cuidadosa causada por uma predisposição heteronormativa (LEWIS, 2010 *apud* PINHEIRO, 2020, p. 4).

Essa atenção redobrada, para Lewis (2010 *apud* PINHEIRO, 2021b, p. 212), justifica-se também devido à matriz cis-heteronormativa funcionar como "uma matriz de inteligibilidade a partir da qual interpretamos o mundo", ou seja, toda pessoa é identificada como "heterossexual e cisgênera até que nos seja comprovado o contrário". Motivo pelo qual propõe "uma forma de tradução que dê visibilidade a pessoas LGBTQIA+" (LEWIS, 2010 *apud* PINHEIRO, 2021b, p. 213): *a tradução queer*, ou como fuga do pensamento colonizado (BENTO, 2017), *a tradução transviada*.

A importância da tradução transviada, como apontado por Pinheiro (2021a, p. 52), reside no fato de que "não basta apenas traduzir textos no quais figuram conteúdos LGBTQAI+, é preciso que esses elementos sejam visibilizados na tradução". Complementarmente, segundo Flotow (2012, p. 134, grifos do original *apud* PINHEIRO, 2021ª, p. 52):

> Não apenas a escolha dos textos pode ser feita de um ponto de vista sócio crítico, mas a tradução em si pode refletir e chamar atenção a aspectos do texto fonte que são novos, ou inovadores, ou considerados úteis ao novo público leitor. [...] Pode funcionar tanto para criticar e informar; pode revelar *abusos*, mas também atrair uma atenção exagerada a aspectos *desejáveis* dos textos. É parte de uma luta contínua para "fazer coisas com palavras".

Assim, como forma de visibilidade e resistência LGBTIA+ aos processos de apagamento e opressão, a tradução transviada tem por objetivo "explorar tanto as formas nas quais a tradução pode contribuir para reforçar a matriz cis-heteronormativa quanto seu potencial de subvertê-la" (PINHEIRO, 2021b, p. 214). Essa vertente tradutória, de acordo com Pinheiro (2021a, p. 50; 54-55), também objetiva compreender: (i) a construção das identidades minorizadas e marginalizadas por meio da tradução; (ii) a problematização das ideologias cis-heteronormativas e das práticas tradutórias hegemônicas e o papel destas no "apagamento de identidades e conteúdos LGBTQAI+ em traduções"; (iii) a (auto)censura proposital ou acidental e os fatores motivadores por trás dela, como a LGBTIA+fobia, o conservadorismo e o lucro; e, (iv) o modo como a inteligibilidade da matriz cis-heteronormativa é reproduzida ou inserida, em especial na/pela linguagem.

Baseado em Lewis (2010), Pinheiro (2021a, p. 54) afirma que a tradução transviada, guiada por esses objetivos, estudaria as traduções de "textos onde estão presentes conteúdos LGBTQAI+", e seus contextos tradutórios, para "averiguar de que maneiras a disponibilidade desses textos traduzidos pode ter influenciado a construção de comunidades LGBTQAI+ e a sua aceitação ou rejeição".

> Também seriam estudadxs quem seriam xs tradutorxs desses textos: suas vidas e seus trabalhos, se a sua sexualidade [e seu gênero] exerceu alguma influência na maneira como traduzem etc. Também seriam estudadas as formas como os textos foram traduzidos: se

> os conteúdos LGBTQAI+ foram apagados nas traduções, se esses foram enfatizados em textos nos quais não eram muito explícitos e se xs tradutorxs se utilizaram de paratextos para anunciar o seu projeto tradutório e visibilizar as suas intenções (PINHEIRO, 2021a, p. 54).

Deste modo, a tradução transviada se apresenta como uma vertente frutífera com uma vasta gama de possibilidades investigativas sobre a relação entre tradução e identidades LGBTIA+ e transvestigêneras. Como a linguagem não binária, a tradução transviada floresce do movimento de empoderamento feminista. Assim, a partir da tradução feminista, Lewis (2010 *apud* PINHEIRO, 2020, p. 4) elenca três estratégias tradutórias que podem contribuir para a tradução transviada, ao contestar a hegemonia cis-heteronormativa em suas ideologias e em suas normas linguísticas heteronormativa e ao visibilizar pessoas LGBTIA+:

> [...] [1] a escrita de prefácios e notas de rodapé, onde seriam explicitados o elemento *queer* da obra e as estratégias utilizadas para lidar com eles; [2] a prática de *complementação*, em que o tradutor intervém no texto para compensar pelas diferenças entre as línguas, criando, muitas vezes neologismos e jogos de palavras; e [3] a mais controversa prática de *hijacking*, na qual o tradutor efetua mudanças no texto de forma deliberada por motivos políticos, como substituir um termo homofóbico presente no texto fonte por um mais politicamente correto na tradução. Todas essas táticas têm em comum o fato de que os tradutores precisam fazer-se visíveis ao empregá-la [...] (PINHEIRO, 2020, p. 4, grifos do original).

Segundo Pinheiro (2021a, p. 53), a primeira estratégia, prefácios e notas de rodapé, é a mais comum e aceita, embora quase nunca seja utilizada só com a finalidade de explicitar as estratégias tradutórias de visibilização das identidades LGBTIA+, mas de justificar a inadequação ou subversão ao "padrão" e "normativo" em razão desta, caso das notas da editora em *Os Garotos do Cemitério* (THOMAS, 2021) e *O desafio dos semideuses* (THOMAS, 2023). A segunda estratégia, complementação, ou compensação, busca na diferença entre as línguas e as culturas "visibilizar os conteúdos LGBTQAI+ da obra e criticar ideologias e usos cis-heteronormativos da linguagem". Já a terceira e mais controversa, *hijacking*, é a menos adotada devido ao caráter disruptivo da "correção" de aspectos opressores e LGBTfóbicos e a "inserção" de "usos mais inclusivos" de linguagem, "mesmo que o texto fonte não tenha a intenção de subverter a matriz cis-heteronormativa". Vale notar que em todos os casos agentes da tradução assumem o papel de escritories das sombras (SELIGMANN-SILVA, 2022).

A partir da definição dessas estratégias incorporadas pela tradução transviada, é possível observarmos que as propostas de tradução para/com a linguagem não binária no Brasil, em sua maioria, têm oscilado entre a primeira e a segunda, com a predominância da última. A exceção é *Gênero Queer: memória* (2023), que seguiu

as orientações de Maia Kobabe na adoção da linguagem não binária como marcação genérica, optando deste modo pela terceira e mais controversa estratégia.

Às três estratégias, poderíamos acrescentar uma quarta, muito utilizada na tradução para/com a linguagem não binária no português: a mescla entre a linguagem não binária e a linguagem inclusiva, em que termos comumente marcados pelo masculino genérico são substituídos por termos não marcados, como é o caso de "todos" para "todo mundo". Essa estratégia, além de inclusiva, também contribui para a crítica e a subversão da matriz linguística e ideológica cis-heteronormativa, ao mesmo tempo que favorece uma maior abertura à recepção da obra.

A nosso ver, ao traduzir para/com a linguagem não binária em línguas generificadas, como o português, a segunda estratégia acaba tornando-se inevitável, "pois esse tipo de linguagem não apenas visibiliza as identidades não binárias dxs personagens, como também serve para expor e criticar a natureza binária do gênero gramatical", mesmo em casos em que não haja a intenção de discutir políticas identitárias de gênero (PINHEIRO, 2021a, p. 53).

> [...] qualquer tentativa de não designar um gênero axs personagens nessas línguas irá, necessariamente, infundir ao texto meta um caráter político onde antes não havia nenhum. Dessa forma, o emprego da tática de complementação nesses casos provavelmente seria interpretado pelxs leitorxs como um caso de *hijacking* e estaria sujeito à reação negativa que essa tática costuma enfrentar (PINHEIRO, 2021a, p. 53-54).

Em suma, a linguagem não binária é uma proposta de linguagem que visa romper com a matriz de inteligibilidade cis-heteronormativa e seus padrões linguísticos excludentes e opressores, ao incluir todas as pessoas, independentemente de suas identidades de gênero, e fornecer mecanismos de (r)existência, visibilidade e empoderamento para aquelas que se encontram minorizadas e marginalizadas, não só no meio social mas também na língua, como é o caso da comunidade LGBTIA+ e, em especial, das pessoas trans, travestis e não binárias (MELO, 2020 *apud* MARINHO, 2021, p. 27).

Ao refletir sobre o papel da tradução em (re)forçar essa matriz de inteligibilidade e visibilizar a (re)existência dessas identidades dissidentes, percebe-se a importância de agentes de tradução como escritories das sombras (SELIGMANN-SILVA, 2022, p.79-80), que busquem a renovação na (re)criação de novas formas de legibilidade ao apontar para as marcas da tradução no texto, e também como aliades, que pratiquem a tradução transviada como forma de visibilidade e resistência aos processos de apagamento e opressão, especialmente pela tradução para/com a linguagem não binária.

Tradução transviada comentada e comparações entre propostas tradutórias em *I Wish You All The Best*

A incorporação e emergência da linguagem não binária pela tradução no polissistema literário brasileiro vem se dando em especial na literatura *young adult*. Isso porque, hoje, as obras de literatura *young adult* são facilmente associadas ao conceito de *Bildungsroman queer* (MAGALHÃES & SANTANA, 2020, p. 28), ou seja, narrativas que descrevem o arco de desenvolvimento de ume personagem sem a necessidade de que ao final deste processo, evolutivo ou involutivo, sejam supridas as expectativas sociais, da matriz cis-heteronormativa, esperadas para elu.

> [...] quando estamos falando de uma literatura voltada para um público em formação, principalmente um público LGBTQIAP+ que não se vê representado nestes clássicos e que precisa dessa representação não apenas como confirmação de lugar de mundo, mas também para construção de identidade e reafirmação de possibilidade de existência, o YA, bem como o *Bildungsroman queer* são fundamentais para que estes leitores se encontrem, se entendam e principalmente, se vejam representados no mundo e na arte [...] (MAGALHÃES & SANTANA, 2020, p. 30).

De acordo com Miller (2019 *apud* MAGALHÃES & SANTANA, 2020, p. 30), a partir da segunda década do século XXI, podemos perceber o aumento de narrativas nas quais personagens LGBTIA+ descrevem esse arco de desenvolvimento "intrinsecamente ligado a sua descoberta e/ou aceitação de uma sexualidade ou gênero", atuando "como novos significantes do triunfo do pertencimento sobre a adversidade que é a relação mítica entre indivíduo e Estado-nação", motivo pelo qual cunhou para essas narrativas o conceito de *Bildungsroman queer*.

Uma vez que essas narrativas buscam a visibilidade, (re)existência e inclusão de vivências LGBTIA+, elas também têm introduzido recursos linguísticos que buscam a inclusão e o empoderamento destas. Isto posto, o romance *young adult I Wish You All the Best* (2020), objeto deste artigo, é um exemplo representativo do *Bildungsroman queer* e da incorporação da linguagem não binária.

Apesar de ter sido "um best-seller instantâneo", "nomeado como um dos 1000 Melhores Livros YA pela revista Cosmopolitan! e para o prémio Goodreads Choice Awards", vencido "o Pink News Best Young Adult Book Award" e de ter uma adaptação cinematográfica[4] (CARREIRO, 2023, p. 5), *I Wish You All the Best* (2020), de Mason Deaver, autore não binárie estadunidense, foi banido em bibliotecas do Tennessee, em 2022, e do Iowa, em 2023, de acordo com o *Index of School Book Bans* da *Pen America* (2022 ; 2024). A proibição da obra, assim como de inúmeras outras, como a de Maia Kobabe, foi justificada por seu conteúdo LGBTIA+.

4 Em março de 2024, foi lançada a adaptação cinematográfica homônima *I Wish You All the Best* com a direção de Tommy Dorfman e roteiro de Tommy Dorfman e Mason Deaver.

I Wish You All the Best (2020) é narrado em primeira pessoa por ume personagem também não binárie em um arco de desenvolvimento ligado à (auto)aceitação, ao autocuidado e ao amor. Em suma, a narrativa centra-se na vida de Ben de Backer no momento em que elu é expulse de casa pela mãe e pelo pai após contar ser não binárie e, consequentemente, é forçade a morar com a irmã mais velha, com a qual não tinha contato. Lidando com a rejeição e crises de ansiedade, Ben recomeça a vida em uma nova escola tentando passar despercebide enquanto pessoa não binária. Assim como no *Bildungsroman queer*, o arco de desenvolvimento de Ben está relacionado de forma intrínseca ao modo como o seu gênero dialoga com elu mesme e com as pessoas ao seu redor, seja pela rejeição, seja pela aceitação.

Em *I Wish You All the Best* (2020), como explicado por Carreiro (2023, p. 3), além de ser "protagonista e narradore da história", a identidade de gênero de Ben está "subjacente a toda a obra enquanto elemento central e condutor da narrativa" e é construída por meio da linguagem não binária, sua incorporação e seus apagamentos.

> Por um lado, trata-se de uma obra escrita por uma pessoa não-binária, sobre uma personagem não-binária, no contexto de uma sociedade que exclui e silencia quem não é convencional, tornando-se, assim, um marco de visibilidade e representatividade para esta comunidade. Por outro lado, a história tem a possibilidade de aproximar e de dar a conhecer estas experiências e conhecimentos não-conformistas a tantas outras comunidades que desconheçam e/ou que se encontrem afastadas deste tipo de realidades – algo que pode determinar e influenciar a sua capacidade da (não) aceitação da diferença. Assim, esta obra tem a capacidade de contribuir para a evolução de uma sociedade mais inclusiva e representativa das pessoas que a constituem (CARREIRO, 2023, p. 4).

Levando em consideração o romance, sua autoria, sua visibilidade, sua representatividade e sua possibilidade de atuar como abertura para a alteridade, a aceitação e o acolhimento de pessoas trans, travestis e não binárias; considerando tradutories como escritories das sombras (SELIGMANN-SILVA, 2022); e, tomando como fio condutor a proposta de que, dadas as diferenças entre o inglês e o português, uma língua generificada, Mason Deaver, para além de Ben, também pode ter incorporado a linguagem não binária como marcação genérica: construímos o projeto da tradução transviada comentada dos paratextos e dos excertos de *I Wish You All the Best* (2020). Transviada, pois incorpora as estratégias propostas pela tradução transviada (PINHEIRO, 2020, 2021a, 2021b). Comentada, pois em seu fazer tradutório tece uma reflexão crítica sobre si mesma, sobre seu próprio processo, seus desafios e suas escolhas (ABES, 2023, p. 332).

Segundo Abes (2023, p. 334), a tradução comentada explica e evidencia, ao mesmo tempo que teoriza, "o projeto de tradução, com toda a leitura (crítica) necessária para sua elaboração" e "a experiência do processo tradutório, em suas diferentes etapas, com a análise de seus desafios e escolhas devidamente justificadas". Em suma,

é possível dizer que a primeira etapa da tradução comentada constitui a escolha, a leitura, o mapeamento e a análise da obra a ser traduzida. A segunda, na escolha da fundamentação teórica da tradução, podendo incluir a análise de traduções anteriores, de traduções em outras línguas, de traduções de obras similares ou mesmo de traduções comentadas. A terceira, na tradução propriamente dita e nos comentários sobre o fazer tradutório: "a tradução comentada, no âmbito acadêmico, é o espaço privilegiado de expressão do comentário que não deve contentar-se em descrever, mas sobretudo em pensar e problematizar o gesto tradutório" (ABES, 2023, p. 338).

No presente artigo, constitutivo em si mesmo da tessitura do comentário, inicialmente, apresentamos a obra de nosso projeto tradutório e a fundamentação teórica da tradução proposta. Uma vez que esta foi realizada antes das demais traduções em português, em 2023, teceremos a reflexão crítica da tradução transviada comentada dos paratextos e de excertos do romance *I Wish You All the Best* (2020) conjuntamente à análise comparada, de natureza qualitativa e quantitativa, das demais traduções. No caso dos paratextos, das traduções para o espanhol (2021) e para o português (2023; 2024), a título de verificar as estratégias editoriais adotadas em outra língua latina, e, no caso dos excertos do romance, apenas a tradução brasileira (2024), fazendo deste modo o cotejamento entre uma proposta de tradução para/com a linguagem não binária como terceiro gênero gramatical e uma como marcação genérica.

As traduções a serem comparadas na análise são as da edição mexicana *Te deseo todo lo mejor* (2021), com tradução de Carmen Amat Shapiro, doravante TM; da edição portuguesa *Quero apenas o melhor pra ti* (2023), com tradução de Célia Correia Loureiro, doravante TP; da edição brasileira *Desejo a você as coisas mais belas* (2024), com tradução de Vic Vieira Ramires, doravante TB; e, da tradução transviada proposta pelas autorias, doravante TTP. A análise quantitativa, por sua vez, consiste em um recurso elucidativo que, levando em consideração a diferença entre as línguas generificadas e não generificadas, demonstra a porcentagem de uso da linguagem não binária, de forma propositada, dentro do recorte e, ao mesmo tempo, revela o teor de cada projeto tradutório.

De acordo com Genette (2009, p. 9, grifos do original), um "texto raramente se apresenta em estado nu", mas acompanhado por textos, verbais ou não, que "o cercam e o prolongam, exatamente para *apresentá-lo*, no sentido habitual do verbo, mas também em seu sentido mais forte: para *torná-lo* presente, para garantir sua presença no mundo, sua 'recepção' e seu consumo". São esses textos que o teórico batiza de paratextos. Por fornecerem o primeiro contato com a linguagem não binária no romance *I Wish You All the Best* (2020), acreditamos que os paratextos são o melhor ponto de partida para tecermos os comentários e fazermos a análise.

Antes de começarmos a análise comparada, no entanto, é preciso diferenciarmos os paratextos, ou peritextos editoriais, como chamados por Genette (2009, p. 21), por seu aspecto "essencialmente espacial e material", entre paratextos mais externos, como a capa, a contracapa e a lombada, e paratextos mais internos, como as segunda e terceira capas, as orelhas, a folha de rosto e os anexos. Em nosso projeto tradutório incluímos a sinopse do romance, localizada na contracapa, por ser o único paratexto externo a

incluir a linguagem não binária, e a biografia de Mason Deaver, que também faz uso da linguagem não binária. Todavia, no presente artigo, enfocaremos somente a sinopse.

Figura 1

ORIGINAL (2023)	TRADUÇÃO PROPOSTA (2023)
CONTRACAPA	**CONTRACAPA**
After coming out to **their** parents as nonbinary, Ben De Backer is thrown out of **their** house and forced to move in with **their** estranged older sister, Hannah, and her husband, Thomas, whom Ben has never even met. Struggling with an anxiety disorder compounded by **their** parents' rejection, **they** come out only to Hannah, Thomas, and **their** therapist, and try to keep a low profile in a new school.	Depois de se assumir para a mãe e o pai como **não binárie**, Ben De Backer é **colocade** para fora de casa e **forçade** a se mudar para a casa da irmã mais velha com quem não mantinha contato, Hannah, e do marido dela, Thomas, que Ben sequer chegou a conhecer. Lutando contra o transtorno de ansiedade, agravado pela rejeição da mãe e do pai, **elu** se assume apenas para Hannah, Thomas e a terapeuta e tenta passar **despercebide** na escola nova.

Fonte: Elaborada pelas autorias (2024, grifos nossos).

Tendo em vista as estratégias de tradução transviada exibidas na Figura 1, mesclamos na TTP a linguagem não binária e a linguagem inclusiva, em especial em casos em que não há um consenso terminológico nos sistemas proposto, como "*parents*". Tendo em vista que a proposta da linguagem não binária parte do movimento feminista, escolhemos evidenciar a mãe, deslocando-a para uma posição de maior visibilidade, como "mãe e pai", em vez de "pai e mãe". Ao contrário do original, em que a linguagem não binária prevalece especialmente no pronome possessivo, dada a não generificação da língua inglesa, na TTP evitou-se os pronomes e os possessivos, recorrendo apenas uma vez ao pronome "elu" e usando a marcação genérica, não binária, no particípio, no predicativo e em "não binárie". Todavia, é possível observar que o uso da linguagem não binária se manteve proporcional ao do original, viabilizando-a, tal como a segunda estratégia.

Em uma análise quantitativa e comparativa da porcentagem do uso da linguagem não binária nos paratextos externos da TTP, da TM, da TP e da TB, já podemos observar na Figura 2 uma discrepância significativa na TB em relação às demais:

Figura 2

PARATEXTOS EXTERNOS					
LINGUAGEM NÃO BINÁRIA	**ORIGINAL (2020)**	**TRADUÇÃO MEXICANA (2021)**	**TRADUÇÃO PROPOSTA (2023)**	**TRADUÇÃO PORTUGUESA (2023)**	**TRADUÇÃO BRASILEIRA (2024)**
%	3,4%-3,9%	3,0%	3,5%	2,4%	0,3%

Fonte: Elaborada pelas autorias (2024).

ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 208-234

Isso decorre do fato de a TB ter removido o paratexto da contracapa comum às demais edições, movido para a orelha, como um paratexto interno, e o substituído por um excerto do romance, cujo único termo em linguagem não binária é "não binárie". Já no caso da TM, foi acrescido um pequeno paratexto na capa que incorpora a linguagem não binária, "Ben pensaba pasar desapercibide... hasta que llegó él".

A porcentagem do original, entre 3,4% e 3,9%, resulta dos termos em inglês que poderiam ou não ser considerados como linguagem não binária, uma vez que não são generificados. No entanto, ao ser comparado às traduções, ainda percebemos no original uma porcentagem elevada no uso da linguagem não binária.

Ao compararmos os paratextos externos e internos entre o original, a TTP e a TB, observamos uma redução ainda mais significativa no uso da linguagem não binária desta, ainda mais se tratando de uma língua generificada.

Figura 3

PARATEXTOS			
LINGUAGEM NÃO BINÁRIA (PORCENTAGEM)	**ORIGINAL (2020)**	**TRADUÇÃO PROPOSTA (2023)**	**TRADUÇÃO BRASILEIRA (2024)**
PARATEXTOS INTERNOS	9,8%	6,7%	4,6%
PARATEXTOS EXTERNOS	3,4%-3,9%	3,5%	0,3%
MÉDIA ARITMÉTICA	6,6%-6,8%	5,1%	2,5%

Fonte: Elaborada pelas autorias (2024).

Segundo Genette (2009, p. 10, grifos do original), os paratextos representam:

> [...] uma zona não apenas de transição, mas também de *transação*: lugar privilegiado de uma pragmática e de uma estratégia, de uma ação sobre o público, a serviço, bem ou mal compreendido e acabado, de uma melhor acolhida do texto e de uma leitura mais pertinente – mais pertinente, entenda-se, aos olhos do autor e de seus aliados.

Acreditamos que a baixa porcentagem da TB possa ser motivada, como discutido anteriormente, pelo "receio" de que a linguagem não binária como subversão ao normativo incorra em uma reação negativa na recepção de setores conservadores e na vendagem da obra. Ainda assim, em uma análise quantitativa da porcentagem de uso da linguagem não binária nos paratextos internos, notamos que a média aritmética dessa proposta tradutória ainda é baixa em relação ao original (2020) ou à TTP.

ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 208-234

Em uma análise qualitativa do uso da linguagem não binária nos paratextos das traduções comparadas, conforme apontamos na Figura 4, é possível chamar a atenção para algumas questões.

Figura 4

TRADUÇÃO PROPOSTA (2023)	**TRADUÇÃO PORTUGUESA (2023)**
CONTRACAPA	**CONTRACAPA**
Depois de se assumir para a mãe e o pai como **não binárie**, Ben De Backer é **colocade** para fora de casa e **forçade** a se mudar para a casa da irmã mais velha com quem não mantinha contato, Hannah, e do marido dela, Thomas, que Ben sequer chegou a conhecer. Lutando contra o transtorno de ansiedade, agravado pela rejeição da mãe e do pai, **elu** se assume apenas para Hannah, Thomas e a terapeuta e tenta passar **despercebide** na escola nova.	Quando Ben De Backer decide revelar aos pais que se identifica como **uma pessoa não-binária** – não é um rapaz, nem uma rapariga –, **elu** é **expulse** de casa e tem de ir viver com a sua irmã mais velha, Hannah, e o marido dela que nunca conheceu. De repente, a vida de Ben muda drasticamente numa questão de dias: nova casa, nova escola… e uma perturbação de ansiedade provocada pela confissão da sua verdadeira identidade aos seus pais. Na nova escola, Ben apenas deseja ser invisível, por isso, decide manter a sua verdadeira identidade escondida dos seus colegas. **Esta obra segue o sistema Elu**

Fonte: Elaborada pelas autorias (2024, grifos nossos).

No caso da TP, o paratexto é modificado, complementado com uma explicação sobre a identidade não binária, "não é um rapaz, nem uma rapariga", e acrescido da nota de que o romance faz uso da linguagem não binária, "esta obra segue o sistema Elu". Há a adoção do masculino genérico, como em "aos pais", "aos seus pais" e "dos seus colegas", ou seja, quaisquer personagens que não Ben, embora haja uma tentativa de linguagem inclusiva "pessoa não binária", em vez da adoção de "não binárie". Assim como a TTP, na TP é empregado apenas uma vez o pronome "elu" e incorporada a marcação genérica, não binária, no particípio. Com a modificação no paratexto, no entanto, não há mais casos de uso da linguagem não binária.

Figura 5

TRADUÇÃO PROPOSTA (2023)	TRADUÇÃO BRASILEIRA (2024)
CONTRACAPA	**ORELHA**
Depois de se assumir para a mãe e o pai como **não binárie**, Ben De Backer é **colocade** para fora de casa e **forçade** a se mudar para a casa da irmã mais velha com quem não mantinha contato, Hannah, e do marido dela, Thomas, que Ben sequer chegou a conhecer. Lutando contra o transtorno de ansiedade, agravado pela rejeição da mãe e do pai, **elu** se assume apenas para Hannah, Thomas e a terapeuta e tenta passar **despercebide** na escola nova.	Quando Ben De Backer se assume para os pais, **elu** é **expulse** de casa e **obrigade** a se mudar para a casa onde a irmã mais velha, Hannah, mora com o marido, Thomas, que Ben nunca conheceu. Tendo que lidar com uma crise de ansiedade agravada pela rejeição dos pais, **elu** decide contar que é **não binárie** para apenas mais três pessoas: Hannah, Thomas e sua terapeuta, enquanto tenta se manter quase invisível em uma nova escola.

Fonte: Elaborada pelas autorias (2024, grifos nossos).

No caso da TB, como mencionado anteriormente, a sinopse localizada nas demais edições na contracapa, é deslocada para a orelha. Assim, como a TP, temos o uso do masculino genérico em "os pais" e "dos pais". Em relação à TTP, também foi evitada a marcação genérica, não binária, nos pronomes possessivos, recorrendo duas vezes ao pronome "elu" e ao particípio duas, em vez de três. É possível observar a mescla com a linguagem inclusiva, como em "quase invisível". De um modo geral, tanto a TTP quanto a TB recorreram a estratégias semelhantes, apesar de terem projetos diferentes.

Quanto aos excertos de *I Wish You All the Best* (2020), primeiramente, em relação à TTP, é necessária a explicação de dois pontos, que, a princípio, seria fornecida em notas de rodapé, mas, posteriormente, optamos pela sua remoção em prol da fluidez da leitura.

O primeiro ponto é a utilização do masculino genérico nas falas de outres personagens do romance, uma vez que o masculino genérico ainda é o sistema mais empregado em português. O uso do masculino desempenha um papel importante no romance, no caso de personagens que não sabem da identidade de gênero de Ben e, principalmente, na fala da mãe e do pai, cujo uso do masculino é mais que proposital no original. Assim, sempre que possível, adotamos a quarta estratégia, isto é, a linguagem inclusiva, principalmente nas falas de Ben, ou em chamamentos sem marcação de gênero em inglês, como "*honey*", traduzido para "meu amor", e "*kiddo*", traduzido para "Benji".

O desrespeito com a identidade de gênero de uma pessoa trans, travesti e não binária, para além da invisibilização desta, constitui um ato de violência. Uma vez que os pronomes estão atrelados à identidade, o uso de pronomes inadequados também incorre em um ato de violência, que pode acarretar grande sofrimento psicológico. Assim, tendo em vista que no original esses casos de não marcação de gênero, marcados em português, podem representar uma intensificação no sofrimento de Ben e também de leitories, que já estão, assim como Ben, lidando com a rejeição da mãe e do pai delu, escolhemos também não fazer marcação de gênero na tradução. Como exemplo, temos

a fala da mãe "*You know these temperature changes have always gotten to you*" (2020, p. 1, grifos nossos), traduzida como "Você sabe que essas mudanças de temperatura sempre *te* adoecem" (2023, s. p., grifos nossos). Na TB (2024, p. 10, grifos nossos), observamos a manutenção do masculino genérico, "Você sabe que essas mudanças de temperatura sempre *o* afetam".

O mesmo posicionamento foi assumido na TTP em termos consolidados com marcação de gênero, como "*the passenger's sit*", traduzido como "banco da frente", em vez de "banco do carona", e "*the driver's side*", traduzido como "lado da direção", em vez de "banco do motorista". Na TB, ficou "banco do passageiro" e "lado do motorista".

Em outros casos, optamos por definir uma marcação de gênero em vez da utilização do masculino genérico, como em "*the cashier*", traduzido para "a pessoa no caixa", em vez de "o atendente", como na TB, dado que não havia nenhuma indicação da identidade de gênero da pessoa em questão.

Figura 6

ORIGINAL (2020)	TRADUÇÃO PROPOSTA (2023)	TRADUÇÃO BRASILEIRA (2024)
"Are you sure you're feeling okay? You know these temperature changes have always gotten **to you**." Mom walks back over to me and brushes the hair away from my forehead. (p. 1)	— Tem certeza de que você está bem? Você sabe que essas mudanças de temperatura sempre **te** adoecem. — Minha mãe caminha de volta até mim e tira a franja da minha testa.	— Tem certeza de que está se sentindo bem? Você sabe que essas mudanças de temperatura sempre o afetam. — Minha mãe se aproxima de mim e afasta meus cabelos da testa. (p. 10)
The cashier behind the counter doesn't even look up as I weave my way into the farthest corner of the store and take my seat in one of the chairs near the pharmacy waiting area. (p. 9)	**A pessoa no caixa**, atrás do balcão, sequer olha para cima quando delineio meus passos até o canto mais distante da farmácia e me sento em uma das cadeiras perto da área de espera.	O atendente por trás do balcão nem ergue o olhar quando ando até o ponto mais afastado da loja e me sento em uma das cadeiras próximas à área de espera dali. (p. 17)
When she's finished helping me into **the passenger's seat**, buckling my seat belt for me, she bolts across to **the driver's side**. (p. 12-13)	Quando ela termina de me ajudar no banco da frente e de afivelar o cinto para mim, ela corre para o lado da direção.	Quando termina de me ajudar a sentar no banco do passageiro, prendendo o cinto para mim, ela corre para o lado do motorista. (p. 21)

Fonte: Elaborada pelas autorias (2024, grifos nossos).

Houve casos também em que na TTP, ao passo que optamos pelo uso da linguagem não binária, a TB optou pela linguagem inclusiva, como em "*when everyone is together and happy*" (2020, p. 6, grifos nossos), traduzido como "todes estão juntes e felizes" (2023, s. p.), em vez de "todo mundo reunido e feliz" (2024, p. 13).

Diferentemente de "banco da frente" e "lado da direção", em que optamos pela linguagem inclusiva em termos consolidados com marcação de gênero, no caso de "*my friends list*" no Facebook, preferimos implementar a terceira estratégia e traduzir por "lista de amigues", enquanto a TB manteve "lista de amigos".

ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 208-234

Embora polêmico, por ainda não estar consolidado, em "*the cashiers*", escolhemos incorporar o artigo na tradução "ês atendentes", em vez de "os atendentes", como na TB. Acreditamos que a incorporação gradual do artigo possa contribuir para a sua recepção e consolidação.

Figura 7

ORIGINAL (2020)	**TRADUÇÃO PROPOSTA (2023)**	**TRADUÇÃO BRASILEIRA (2024)**
It's cheesy, but I wait until the end of the movie, when **everyone is together and happy** and I see a smile on Mom's face. (p. 6)	É simples, mas ainda assim espero até o filme acabar, quando **todes estão juntes e felizes**, e vejo um sorriso no rosto de minha mãe.	Não faz muito sentido, mas espero até o fim do filme, quando está **todo mundo reunido e feliz** e eu vejo um sorriso no rosto da minha mãe. (p. 13)
That probably sounds a little creepy, but I couldn't risk Mom or Dad going on my profile and seeing "Hannah Waller" on **my friends list**. (p. 17)	Isso pode parecer um pouco bizarro, mas eu não podia arriscar que a nossa mãe e o nosso pai entrassem no meu perfil e vissem "Hannah Waller" na minha **lista de amigues**.	Isso provavelmente soa meio esquisito, mas eu não podia arriscar que minha mãe ou meu pai entrassem no meu perfil e vissem "Hannah Waller" na minha lista de amigos. (p. 26)
I'm silently praying that **the cashiers** have found something else to do so they won't see us. (p. 12)	Fico rezando silenciosamente para que **ês atendentes** tenham encontrado qualquer coisa para fazer que não seja nos observar.	Estou rezando em silêncio para que os atendentes tenham encontrado alguma outra coisa para fazer, assim eles não nos veem. (p. 20)

Fonte: Elaborada pelas autorias (2024, grifos nossos).

O segundo ponto é a tradução de pronomes e de possessivos. Em português, no sistema de linguagem não binária "elu", "*they and them*" correspondem aos pronomes pessoais do caso reto "elu" e do caso oblíquo átono "ê". No entanto, ao serem traduzidos, "*them*" foi incorporado à língua portuguesa como o pronome possessivo "delu". Escolhemos, assim, por manter a tradução já incorporada dos pronomes "*they and them*" como "elu e delu" na TTP. A mesma coisa acontece na TB (2024, p. 31), que também incorpora o pronome demonstrativo "mesme".

Embora mais consolidado, "delu" parece ter uma certa resistência por parte de falantes. Ainda assim, é mais aceito que o pronome oblíquo átono. No entanto, assim como o artigo, acreditamos que a tradução desempenha um papel fundamental para a incorporação e consolidação da linguagem não binária. Por isso, em "*I wanted this to be some cruel joke on their part. One I could forgive them for later*" (2020, p. 11, grifos nossos), traduzimos para "Queria que fosse algum tipo de brincadeira maldosa da parte delus. Uma pela qual eu pudesse perdoá-les depois". Na TB (2024, p. 19), optou-se por não marcar gênero algum: "Queria que aquilo fosse alguma piada cruel, uma que eu poderia perdoar depois".

Houve casos também em que na TTP, ao passo que optamos pelo uso da linguagem inclusiva, a TB optou pela linguagem não binária, como em "*I'm guessing*

this is what being hit by an eighteen-wheeler feels like" (2020, p. 17, grifos nossos), traduzido como "Acho que é assim que uma pessoa se sente quando é atingida por um caminhão" (2023, s. p.), em vez de "Acho que essa é a sensação de ser atropelade por uma carreta" (2024, p. 13).

Diferentemente de "*parents*", em que na TTP consideramos melhor o uso de "a mãe e o pai", em vez de uma forma ainda não consolidada, como "nães", no caso de "*siblings*", optamos por "irmanes", no lugar de "irmães", e em vez de "parentes", como a TB.

Figura 8

ORIGINAL (2020)	TRADUÇÃO PROPOSTA (2023)	TRADUÇÃO BRASILEIRA (2024)
I wanted this to be some cruel joke on **their** part. One I could forgive **them** for later. (p. 11)	Queria que fosse algum tipo de brincadeira maldosa da parte **delus**. Uma pela qual eu pudesse **perdoá-les** depois.	Queria que aquilo fosse alguma piada cruel, uma que eu poderia perdoar depois. (p. 19)
"**They and them**," I say, trying to sound confident, but even I can tell I'm failing miserably. (p. 20)	— **Elu e delu** — digo, tentando soar confiante, mas até mesmo eu posso dizer que falhei miseravelmente.	— **Elu e delu** — respondo, tentando soar confiante, mas até eu **mesme** consigo ver que estou falhando miseravelmente. (p. 31)
I'm guessing this is what **being hit** by an eighteen-wheeler feels like. (p. 17)	Acho que é assim que **uma pessoa** se sente quando é **atingida** por um caminhão.	Acho que essa é a sensação de ser **atropelade** por uma carreta. (p. 27)
There's still no mistaking us as anything other than **siblings**. (p. 20)	Ainda não há dúvidas de que somos outra coisa que não **irmanes**.	Ainda dá para dizer que somos **parentes**. (p. 30)

Fonte: Elaborada pelas autorias (2024, grifos nossos).

Como justificado anteriormente, optamos pelo uso mínimo de notas de rodapé para não atrapalhar a fluidez da leitura. Segundo Abes (2023, p. 332):

> O emprego da nota do tradutor ainda é polêmico e depende da política editorial de cada editora. Praticamente ausente das obras literárias no passado, nos últimos anos tem se tornado mais presente, ainda que usada com bastante parcimônia. Com efeito, a nota e o comentário criam um hiato no fluxo da leitura nem sempre desejado pelas editoras.

Ainda assim, conforme a primeira estratégia, foi adicionada à TTP uma nota de rodapé, dado que sua ausência poderia incorrer em interpretações equivocadas. Uma vez que a palavra feminina "travesti" que constitui uma identidade de gênero brasileira era um termo pejorativo que foi ressignificado, houve a preocupação de que pudesse ser confundida com um insulto. A escolha por acrescentar um correspondente em português deve-se à preocupação de não incorrer em interpretações errôneas e, ao

ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 208-234

mesmo tempo, a uma questão didática, considerando as discussões levantadas pela obra e pela própria tradução. Deste modo, a inclusão do termo "traveco" tem a boa intenção de educar leitories do romance a não o utilizarem como referência a pessoas trans, travestis e não binárias.

Figura 9

ORIGINAL (2020)	TRADUÇÃO PROPOSTA (2023)	TRADUÇÃO BRASILEIRA (2024)
Dad used **the T-word**, and it came like a slap to the face. (p. 14)	Meu pai usou **a palavra com "T"**, e foi como um tapa na cara. N. T. Em inglês "T-word", ou "tranny", é um termo utilizado para se referir pejorativamente a pessoas transgêneras. Em português, pode ser associado ao termo "traveco".	Meu pai usou **uma palavra ofensiva que começa com T**, e isso foi como um tapa na cara. (p. 22)

Fonte: Elaborada pelas autorias (2024, grifos nossos).

A título de comparação, em uma análise quantitativa da porcentagem de uso da linguagem não binária entre a TTP e a TB, temos o seguinte resultado:

Figura 10

CAPÍTULOS		
LINGUAGEM NÃO BINÁRIA (PORCENTAGEM)	**TRADUÇÃO PROPOSTA (2023)**	**TRADUÇÃO BRASILEIRA (2024)**
CAPÍTULO 1	0,7%	0,2%
CAPÍTULO 2	0,8%	0,4%
CAPÍTULO 3 (PARCIAL)	0,9%	0,6%
MÉDIA TOTAL	1,7%	1,4%

Fonte: Elaborada pelas autorias (2024).

Observamos com a análise quantitativa que, apesar das diferentes estratégias empregadas, ambas as traduções possuem uma porcentagem média relativamente próxima. A diferença de 0,3%, em parte, corresponde ao emprego da quarta estratégia, isto é, da mesclagem entre linguagem não binária e linguagem inclusiva, e no emprego pela TTP da linguagem não binária como marcação genérica e na TB como terceiro gênero gramatical, adotando o masculino como genérico. Além disso, observamos a incidência de duas estratégias de tradução transviada na TB, ao passo que a TTP

adotou as quatro estratégias: uso de paratextos, visibilização de aspectos LGBTIA+ e crítica à matriz cis-heteronormativa, correção de termos com marcação de gênero consolidado e inserção de termos mais inclusivos, mesclando a linguagem inclusiva com a linguagem não binária.

Considerações finais

O presente artigo teve por objetivo apresentar uma tradução transviada comentada de paratextos e de excertos do romance *I Wish You All the Best* (2020), de Mason Deaver, e propor uma análise comparada com outras traduções da obra, em especial a brasileira (2024). A partir dos estudos da tradução, da tradução comentada e da tradução da linguagem não binária, em diálogo com os estudos editoriais e literários, esperamos ter lançado luz sobre diferentes propostas tradutórias para/com a linguagem não binária.

A tradução proposta e as traduções analisadas de forma comparada, qualitativa e quantitativa, são apenas um grão na constelação de possibilidades da tradução para/com a linguagem não binária. Como posto por Carreiro (2023, p. 3), dada as diferenças linguísticas e a generificação da língua portuguesa, "será necessária uma maior criatividade a nível linguístico" de escritories das sombras para ultrapassar as barreiras da língua e do preconceito.

Assim, para além de inspirar o caráter (re)criador e crítico do fazer tradutório e refletir sobre o papel da tradução em (re)forçar a matriz de inteligibilidade e visibilizar a (re)existência de pessoas trans, travestis e não binária, esperamos que a análise proposta possa contribuir para os estudos da tradução transviada e para tradução para/com a linguagem não binária, constituindo um exercício de direitos humanos e um ganho da tradução ao possibilitar sua incorporação no repertório literário brasileiro como modelo ativo.

Referências

ABES, Gilles Jean. Reflexões sobre a tradução comentada como gênero acadêmico. *Revista de Letras*, vol. 1, n. 42, jan./jun. 2023, p. 329-339.

ALMEIDA, Gioni Caê. *Manual para o uso da linguagem neutra em Língua Portuguesa*, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/341736329_Manual_para_o_uso_da_linguagem_neutra_em_Lingua_Portuguesa. Acesso em: 9 jul. 2023.

ALTER, Alexandra. How a Debut Graphic Memoir Became the Most Banned Book in the Country, *The New York Times*, 22 jun. 2023 (1 mai. 2022). Disponível em: https://

www.nytimes.com/2022/05/01/books/maia-kobabe-gender-queer-book-ban.html. Acesso em: 28 fev. 2024.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico*: o que é, como se faz. 49ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BALBI, Oliver Rodrigues. *A importância do uso da linguagem neutra na tradução do inglês para o português brasileiro*. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2023.

BENTO, Berenice. *Transviad@s*: gênero, sexualidade e direitos humanos. Salvador: EDUFBA, 2017.

CARREIRO, Maria Angélica Raposo. *Para Além do Binário* – Desafios de tradução suscitados pela obra I Wish You All the Best, de Mason Deaver. Dissertação (Mestrado em Tradução e Assessoria Linguística). Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 2023.

CASSIANO, Ophelia. *Guia para "Linguagem neutra" (PT-BR)*, 10 jun. 2023. Disponível em: https://medium.com/guia-para-linguagem-neutra-pt-br/guia-para-linguagem-neutra-pt-br-f6d88311f92b. Acesso em: 9 jul. 2023.

DEAVER, Mason. *Desejo a você as coisas mais belas*. Trad. Vic Vieira. Rio de Janeiro: Alt, 2024.

_____. *I Wish You All the Best*. New York: Push, 2020.

_____. *Quero apenas o melhor pra ti*. Trad. Célia Correia Loureiro. Lisboa: Desrotina, 2023.

_____. *Te deseo todo lo mejor*. Trad. Carmen Amat Shapiro. México: Cross Books/Editorial Planeta, 2021.

EVEN-ZOHAR, Itamar. A posição da literatura traduzida dentro do polissistema literário. Trad. Leandro de Ávila Braga. *Translatio*, Porto Alegre, n. 3, 2012, p. 3-10.

FERREIRA, Marcela Ribeiro. *One Day at a Time e a linguagem não binária*: uma análise da tradução para legendas. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Letras). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2022.

GENETTE, Gerard. *Paratextos Editoriais*. Trad. Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

KINGA, Trzyna. *Non-Binary Representation and Translation Strategies in the Polish Translation of "I Wish You All the Best"*. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas). Cracóvia: Universidade Jaguelônica, 2023.

KOBABE, Maia. *Gênero queer:* memória. Trad. Clara Rellstab. São Paulo: Tinta-da-China BRASIL, 2023.

MAGALHÃES, Liara Oliveira & SANTANA, Jorge Alves. Linguagem neutra: aplicações na literatura contemporânea. In: AZEVEDO, Natanael Duarte de (org.). *Estudos interdisciplinares da linguagem*. Campina Grande: Realize Eventos, 2020, vol. 2.

MARINHO, Enilda Valéria Gomes. *Quem tem medo da linguagem não-binária?* Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras). Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2021.

MARTINS, Pedro. Linguagem neutra, de "amigues" e "todes", ganha a TV, os livros e a cultura pop, *Folha de S. Paulo*, 1 out. 2021. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/10/linguagem-neutra-de-amigues-todes-elu-e-ile-enfim-ganha-a-tv-e-os-livros.shtml. Acesso em: 21 fev. 2024.

PEN. *America Index of School Book Bans 2021-2022*. Disponível em: https://pen.org/book-bans/banned-book-list-2021-2022/. Acesso em: 19 mar. 2025.

PEN. *America Index of School Book Bans 2023-2024*. Disponível em: https://pen.org/book-bans/pen-america-index-of-school-book-bans-2023-2024/. Acesso em: 19 mar. 2025.

PINHEIRO, Felipe Duarte. Apagamento de identidades não binárias em traduções de mangas: um estudo comparativo. In: Anais do I CONEIL. Campina Grande: Realize Editora, 2020.

PINHEIRO, Felipe Duarte. *"Porque elas aparentam ser meninas ou agem como meninas"*: apagamento de identidades não-binárias em traduções do mangá *Houseki no Kuni*. Dissertação (Mestrado em Letras). Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2021.

PINHEIRO, Felipe Duarte. Tradução *queer*: visibilidade como forma de resistência. *Revista Fórum Identidades*, Itabaiana, Universidade Federal de Sergipe, vol. 34, n. 1, jul./dez. 2021, p. 207-221.

RGB, Be. Por uma tradução não binária, *Quatro Cinco Um*, 1 out. 2023. Disponível em: https://www.quatrocincoum.com.br/br/artigos/politica/por-uma-traducao-nao-binaria. Acesso em: 21 fev. 2024.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Um tradutor é um escritor da sombra? Variações sobre a ontologia da tradução. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Passagem para o outro como tarefa:* tradução, testemunho e pós-colonialidade. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2022.

THOMAS, Aiden. *O desafio dos semideuses*. Trad. Vic Vieira Ramires. Rio de Janeiro: Galera Record, 2023.

_____. *Os garotos do cemitério*. Trad. Arthur Ramos. Rio de Janeiro: Galera Record, 2021.

ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 208-234